

A terra dos mil povos

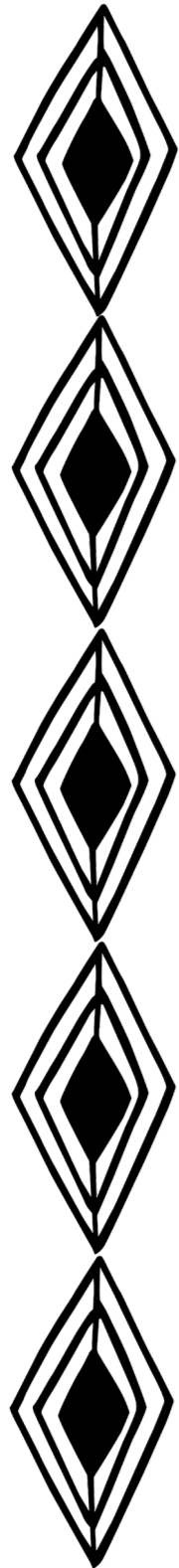
Prefácio de Janice Thiél

Aprendi com Kaká Werá Jecupé que as palavras traduzem o espírito, que o espírito é música e que o corpo expressa essa música. Portanto, as palavras devem ser proferidas en-cantando e entoando a porção de luz que mora no coração. Com Werá Jecupé aprendi que existem vozes que entoam os saberes dos povos indígenas brasileiros. Sua voz constitui esta obra, ***A terra dos mil povos***, originária de sua percepção e reflexão sobre esses saberes da tradição oral milenar, que em sua primeira edição, em 1998, também deu origem a uma tradição estética e literária indígena escrita.

O autor inaugura, portanto, uma expressão literária que torna visível a voz nativa brasileira, apagada ou esquecida por séculos de colonização. A literatura indígena de expressão oral sempre fez parte da cultura indígena. Mais de 200 povos indígenas habitam o Brasil hoje e seus conhecimentos e histórias míticas e sagradas têm sido compartilhadas por gerações, sustentando o vínculo entre elas e mantendo vivas tradições milenares.

Assim, aprendi com a obra de Jecupé que existe, sim, literatura indígena brasileira, que deve ser lida conforme parâmetros próprios de autoria, gênero literário e construção multimodal. Quando ouvi pela primeira vez o nome do autor em uma aula, preparando-me para o doutorado, tornei-me consciente de quanto desconhecia as diferentes vertentes da literatura brasileira e como o letramento que recebemos na escola não nos prepara para ler essa literatura e compreender sua complexidade. Portanto, a publicação de obras indígenas faz mais do que promover a inclusão das etnias nativas: promove o letramento histórico, literário, cultural e crítico de leitores e cidadãos.

A obra ***A terra dos mil povos*** tornou-se *corpus* de minha pesquisa, mas representou muito mais que material de análise literária: fez com que reconhecesse lacunas de formação leitora em nossa educação escolar, que resultam



em estereótipos relacionados aos nativos. Portanto, a obra ***A terra dos mil povos*** promove a percepção de como as tradições indígenas das Américas contribuem para a diversidade de conhecimentos, perspectivas e a construção de novas visões de mundo para índios e não índios.

Em sua obra, Werá Jecupé traduz para leitores das mais diversas etnias o que significa ser índio, outra perspectiva da história dos povos indígenas brasileiros, sua diversidade e a relevância da memória cultural. Lacunas de conhecimento sobre a presença e contribuição indígena são preenchidas, bem como são adicionadas informações sobre a influência da colonização sobre as etnias indígenas desde o primeiro contato até hoje.

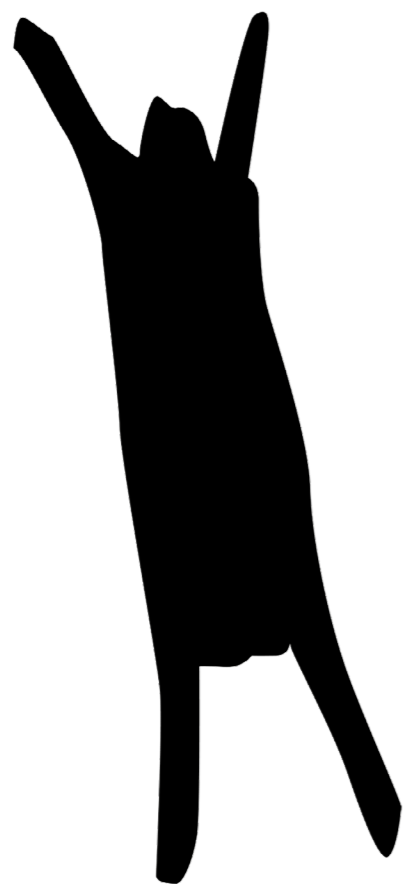
Jecupé destaca o valor dos nomes, recebidos ou escolhidos e, nesta edição, traz algo que não havia na primeira publicação: o autor inclui um capítulo com nomes representativos das culturas indígenas brasileiras e suas biografias. Jecupé constrói uma linhagem destacando líderes indígenas que fazem parte da história e memória brasileiras por sua voz de resistência à supressão das culturas indígenas, com projetos nas mais variadas áreas de atuação como cidadãos.

A literatura indígena brasileira trilha, desde a primeira publicação de ***A terra dos mil povos***, uma trajetória de valorização e reconhecimento, por meio de premiações, estudos e eventos acadêmicos e midiáticos. Surgiram ao longo desses anos nomes que têm promovido o protagonismo indígena e projetado a literatura e as culturas nativas, tais como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Graça Graúna e Davi Kopenawa, entre outros. Além disso, diversas nações indígenas têm publicado sua História e histórias, divulgando sua cultura.

Saúdo o empenho de Werá Jecupé e de todos os envolvidos nesta segunda edição da obra ***A terra dos mil povos***. Que este livro possa novamente ser gerador de mudanças e pensamentos no sentido de conhecer e respeitar a diversidade cultural e literária brasileira, em especial das etnias indígenas, presentes nesta terra há milênios, e que contribuem com saberes tão relevantes no mundo de hoje.

Janice Cristine Thiél é professora da área de Letras da PUC-PR

Eu sou Kaká Werá Jecupé



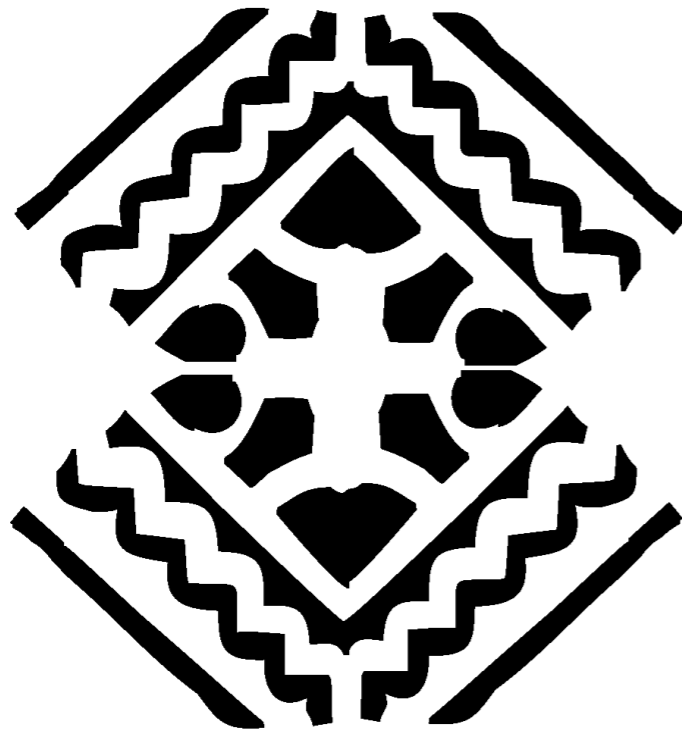
Kaká é um apelido, um escudo. De acordo com nossa tradição, uma palavra pode proteger ou destruir alguém; o poder de uma palavra na boca é o mesmo de uma flecha no arco, e por isso às vezes usamos apelidos como patuás.

Werá Jecupé é meu tom, ou seja, meu espírito nomeado. De acordo com esse nome, meu espírito veio do leste, fazendo um movimento para o sul, entoando assim um som, uma dança, um gesto do espírito para a matéria, que nos apresenta ao mundo como se fosse uma assinatura. Essa assinatura registrada na alma me faz algo como neto do Trovão, bisneto de Tupã. É dessa maneira que somos nomeados, para que não se perca a qualidade da natureza de que descendemos.

Para a cultura guarani, na qual fui iniciado, em São Paulo, onde nasci, o ato da nomeação é a manifestação da parte céu de um ser na parte terra. O céu é o mundo espiritual, a raiz de todos nós. A terra é a contraparte material do espírito. Essa cultura se fundamenta em uma tradição que vem desde quando a noite não existia e se chama **Arandu Arakuaa**, “sabedoria dos ciclos do céu” ou “saber do movimento do Universo”. E é também sobre os fundamentos dessa tradição que vamos falar.

Na terra, meus pais não são Guarani – eles vieram de Minas Gerais, ladeando o São Francisco. Ficaram conhecidos no passado como Tapuia. No entanto, minha família se considera um grupo de “guerreiros sem armas” ou, como gosto de me apresentar, **txukarramãe**. Os antepassados de meus pais eram do rio Araguaia. São clãs totalmente diferentes dos Guarani, povo em que fui batizado. Devo, no entanto, dizer que não são os mesmos Txukarramãe presentes hoje no Alto Xingu, da família kayapó. Apresento-me como **txukarramãe** pelo fato de ser um guerreiro sem armas, simplesmente. E, como meus pais já se foram para a terra sem males, comecei a tarefa, a partir dos ensinamentos que me foram passados, de difundir a tradição, plantando agora, para o próximo ciclo da natureza cósmica nessa terra chamada Brasil, sementes ancestrais para o florescimento de uma nova tribo.

Também passei por cerimônias de iniciação e reverência a meus antepassados do Araguaia, banhando-me e cantando em suas águas, com o acompanhamento de parentes Xavante, seguindo um impulso de meu coração. Andei por cerrados, pela mata Atlântica, pelas serras, de aldeia em aldeia, de Norte a Sul do país, colhendo a sabedoria deixada por seres de cabeças brancas, seres de cabelos por nascer, em plantas, animais, pedras.



Contudo, nem sempre fui assim. Na infância, distanciei-me dessa tradição quando fui estudar na escola pública, onde aprendi a arte de ler e escrever. Após quase quinze anos longe de minhas raízes, iniciei uma peregrinação à procura de meu espírito, que foi reencontrado novamente entre os Guarani e foi consagrado, depois de muitos atos de purificação de boa parte de minhas ignorâncias e mazelas, no belíssimo Tocantins, pela cultura krahô, onde passei a ser conhecido como **Txutk**, “semente de fruto maduro”.

Nessas andanças conheci mil povos, vivenciei suas riquezas: o pensamento, a sabedoria, os ritos, os mitos e a medicina sagrada nativa. No mundo espiritual, reencontrei os ancestrais, os antepassados, as divindades anciãs, as entidades da natureza e meu clã antepassado, em que busco, sempre que posso, sabedoria.

A peregrinação na terra e o encontro espiritual me permitiram vivenciar a essência desses mil povos, a qual pretendo expor aqui, como parte da tarefa que desenvolvo atualmente, que é difundir os ensinamentos ancestrais: a tradição do Sol, a tradição da Lua e a tradição do sonho.

Meus pés percorreram serras, montanhas, florestas e rios que geraram nossos antepassados. Meus olhos percorreram olhos de parentes desamparados da própria história devido à morte ou ao silêncio de nossos velhos. Apalpei a terra estéril e a árvore seca pela raiz fraca em um poente que cobria a vida com um tom pálido. Era a alma do mundo dizendo que um ciclo havia terminado e que, naquele instante, da soma das sabedorias das antigas tribos que o poente insistia em iluminar, mesmo que palidamente, uma nova tribo amanheceria como Sol. Para isso, as raízes teriam que ser resgatadas, a terra precisaria ser recuperada e revitalizada. Foi assim que um menino buscou um guerreiro que buscou um clã que buscou o coração. E todos se puseram a trabalhar para trazer a milenar sabedoria para as novas gerações, trazer de volta a ciência sagrada enquanto essência, para que seu aroma ampare e permeie como bálsamo os corações e as mentes das futuras gerações.